

Lugares virtuais

João Pedro Aido

afc.dge.mec.pt/praticas/opcoes-curriculares

Na concretização de um exercício efetivo de autonomia curricular, é dada às escolas a possibilidade de procederem à identificação de opções curriculares eficazes, adequadas ao contexto, enquadradas no projeto educativo e noutros instrumentos estruturantes da escola. Nesta página podemos encontrar inúmeros exemplos de práticas pedagógicas mas também projetos com e para a comunidade, partilha de olhares e múltiplos recursos.

www.newyorker.com/magazine/2005/08/22/say-anything

Numa era de pós-verdade e de desinformação, podemos dizer que há uma essência e uma coerência que leva tantas pessoas a produzirem afirmações que sabem não serem verdadeiras – o que é diferente do uso literário de géneros como o absurdo (cf. o *nonsense* dos limericks, por exemplo), uma vez o disparate e a ‘parvoíce’ (como tradução possível para o termo inglês *bullshit*) surgem de uma *indiferença em relação à verdade*? Essa indiferença pode incluir uma paródia sem sentido que põe em causa a verdade – pelo menos a verdade académica que levou em 1996 a revista *Social Text* a aceitar um texto sem sentido como o falso ensaio “Transgressing the Boundaries: Towards a Transformative Hermeneutics of Quantum Gravity,” do físico Alan Sokal. Neste caso, e noutros que se podem dar, como mostra Jim Holt no ensaio “Say Anything”, publicado na revista *The New Yorker*, *bullshit* é essa obscuridade que não se consegue clarificar, o que é completamente diferente de textos obscuros que têm uma relação preocupada com a verdade, como seria, por exemplo, o caso de Hegel ou de Heidegger.

bibliotecariodebabel.com/tag/joaquim-manuel-magalhaes/

Bastou uma nota de duas linhas, colocada por Joaquim Manuel Magalhães (JMM) no final de *Um Toldo Vermelho* (Relógio d’Água, 2010), para criar uma inusitada agitação nos habitualmente tranquilos círculos da poesia portuguesa. Por vontade expressa do autor, o novo livro, com menos de 200 páginas, «exclui e substitui» toda a sua obra poética anterior. O que despertou logo o sobressalto, com laivos de escândalo, não foi o ato de reescrita em si mesmo (JMM, como outros poetas, entrega-se ciclicamente à junção e revisão dos livros anteriores), mas a natureza desta reescrita – tão drástica, violenta e inesperada que deixou a maior parte dos críticos em estado de choque.

Antes ainda de me chegar às mãos, fui lendo o muito que se escreveu sobre *Um Toldo Vermelho* na imprensa e na blogosfera. Em prosa longa e fundamentada com exemplos (privilégio raro para quem faz crítica literária nos jornais), Luís Miguel Queirós mostrou-se inconsolável, no suplemento Ípsilon do *Público*, diante do «estranho caso do poeta que destruiu a sua própria obra», agora reduzida a uma «deprimente mediocridade». No número de abril da *Ler*, Jorge Reis-Sá garantia, num texto de dimensões igualmente generosas, no qual *en passant* ajustava contas com os poetas «sem qualidades» (Manuel de Freitas *et al.*), que o livro é «mau» e «sem sentido». Por seu lado, o poeta João Luís Barreto Guimarães, no blogue Poesia & Lda., ficou «atónito» com um «gesto de vanguarda» que troca o célebre regresso ao real por uma «aura herbertiana», agreste e hermética. Após cotejar alguns poemas, mostrando-os na versão original e na sua nova forma, Barreto Guimarães conclui que «já se deve ter percebido que me sinto pessoalmente ofendido com Joaquim Manuel Magalhães por ele me ter feito isto» (nos comentários ao *post*, Rui Lage, também ele poeta e admirador de JMM, afirma que *Um Toldo Vermelho* é «uma lástima»). Houve ainda quem falasse, noutras paragens da internet, em «deriva niilista» e em «epifania de uma incongruência». De fora da quase unânime recusa ficou António Guerreiro (*Expresso*), que viu no livro «a mais radical operação poética – e a mais cheia de consequências – da literatura portuguesa das últimas décadas», ao desativar «os princípios em que se baseou a poesia do autor» e ao desfazer-se corajosamente do belo «como quem esconjura uma ameaça».

P

A principal acusação dos detratores é que estes poemas só fazem sentido quando lidos à luz dos originais. Se JMM assassinou conscientemente a sua obra anterior, subentende-se, é forçoso voltar ao corpo vivo para compreender o cadáver. A mim, parece-me que o problema está justamente na suposta necessidade da leitura de uns a partir dos outros. Funcionando os atuais poemas como sínteses abruptas dos primeiros, a comparação entre eles gerará sempre uma perplexidade e um desconforto, nascidos da intuição de que algo se perdeu neste trânsito e reduzindo as novas formas ao mero efeito de uma energia destrutiva.

Para fugir a este enviesamento, tentei ler *Um Toldo Vermelho* às cegas, como se nunca tivesse ouvido falar de JMM. O resultado foi avassalador. Esta é uma poesia da rasura e da cesura, um magnífico mecanismo verbal que torce a linguagem até ao limite e nos agride, mas que não abdica da beleza, antes a procura nas linhas de fratura da própria escrita. Veja-se o poema da página 28: «Num ápice, dourado, / adulterava-se década e meia. // A coleira da emoção não acudia, / um interruptor a cessara. / A alcova da merenda / funde a siderúrgica missão. // Atroou-me um filho. / Ligarei adiante, / implodi. // Garotos ajudam / pela soma na ranhura / o carrinho. / A ventania joeira cotão e maravalha. // Oráculo do encerramento. / Todos ao reduto. / E muito cedo limpam à pressa / pó e lavam a cara / e se arranjam vagar / a porca louça da ceia.» Sendo um poema que nasce de um poema antigo, é um poema absolutamente novo. E nele podemos até descobrir pistas para a radicalidade do gesto de JMM. Reparem: «a siderúrgica missão»; «implodi»; «a ventania joeira cotão e maravalha». Está lá tudo. Basta colocar entre parêntesis a desconfiança automática diante de algo que nos escapa.

[Texto publicado no n.º 91 da revista *Ler* por José Mário Silva e republicado no blogue Bibliotecário de Babel.]

[Joaquim Manuel Magalhães reuniu em *Para Comigo*, novembro de 2018, a sua poesia tal como a pretende preservar.]

channel.louisiana.dk/video/caconrad-poetry-as-a-performance

Página do Museu Louisiana de Arte Moderna, na Dinamarca, em que o poeta americano CAConrad fala da poesia como performance, *demonstrando*, a partir da sua leitura do poema “While Standing in Line for Death”, que explicar um poema não é necessário – mas que é necessária essa performance do poema que afeta a nossa experiência dele, uma vez que o uso mais efetivo da arte, de qualquer forma de arte, é mudar a perspetiva de uma pessoa.

nataal.com

Revista que celebra as tendências contemporâneas de cultura, arte, música e moda africana, esse vasto continente globalmente desconhecido e invisível no ocidente. Artistas e ideias inspiradoras, criativas e inovadoras.

folhadepoesia.blogspot.com

Página do blogue Folha de Poesia, que apresenta dezenas de entradas sobre literatura portuguesa, açoriana, brasileira e literaturas africanas de língua portuguesa, com exemplos, comentários, ensaios e mesmo lições e exercícios de leitura.

No espaço da literatura açoriana, diz Luiz Fagundes Duarte numa entrevista:

As novas gerações de leitores parecem de facto desconhecer Nemésio. Acha que a «culpa» é apenas dos professores que não incentivam à leitura de Nemésio ou também do mercado livreiro?

Acho que é um problema da nossa sociedade, que nunca foi nem nunca esteve propriamente empenhada na questão da leitura. É preciso lembrar que no final do século XIX os países do sul da Europa tinham taxas de analfabetismo na ordem dos 80, 90%, e os países nórdicos era precisamente o contrário, tinham taxas de alfabetização na ordem dos 90 e tal por cento. E porquê? Temos de traçar um paralelo, norte-sul, no que respeita a religião. Nos países protestantes a leitura da Bíblia era obrigatória. As pessoas tinham de saber ler. Nos países do Sul, não. A missa era dada em latim e pronto. Temos um fator cultural histórico muito forte que tem o argumento religião como fronteira. Em Portugal nunca se valorizou a leitura. Lembro-me

que os grandes livros que li, li-os com 14, 15 anos e hoje quando os volto a ler descubro sempre coisas diferentes. O facto é que os li em miúdo. Os meus pais valorizavam a leitura. Mas no contexto social à volta achavam que eu era um bicho do mato porque em vez de estar a jogar à bola na rua estava a ler. A leitura nunca foi valorizada socialmente em Portugal. É uma tradição histórica que nunca foi ultrapassada. A sociedade tem de mudar, a escola tem de perceber isso — faz o que pode mas tem de fazer mais. Não sei como mas tem. O que é facto é que eu chego a Paris ou a Londres ou a Pequim ou a Nova Iorque, entro no metro e vejo as pessoas a ler. E temos também de encontrar condições para que os autores sobrevivam, por isso é que também fazemos estas coleções [edição da obra completa de Nemésio na INCM]. Há também o aspeto da distribuição. Por exemplo, os livros da Imprensa Nacional não aparecem nas livrarias «normais». As pessoas que moram em cidades onde não há livrarias da Imprensa Nacional não podem comprar livros da Imprensa Nacional. Eles não estão no mercado. Ou seja, há questões culturais, sociológicas de fundo, mas as entidades também têm de arranjar forma de disponibilizar os seus livros.

canaldepoesia.blogspot.com

Blogue do Canal de Poesia.

O poema “Ao lado”, de Rui Costa, na entrada de 25 de junho de 2020 («À solta no ringue», in *Mike Tyson para principiantes - antologia poética*):

Há nomes que assustam os insectos
e nas folhas deslumbram a casa até quase
noite. As asas batem a penumbra
mas a história dos dias nunca
lhes pertence.
Em pontas de pés esfregam-se nas janelas
com os bicos postos
e só a tempestade lhes garante o sono
e a salvação.
Eu conheço homens assim quando
o tempo acalma.
Têm mil bolsos preparados para esconder
as mãos.
Praticam os espelhos
Com esforço miudinho, quotidianamente
soletrando os amigos
muitas vezes.
E quando à noite se reúnem para fabricar os sinos
ouvem palavras com o seu nome voando
eternamente
ao lado

smelltracker.org/pt-pt/node/18

Página de um projeto israelita, a que Portugal está associado através da Fundação Champalimaud, e que permite às pessoas fazerem nesta plataforma em linha a monitorização do olfato, cuja perda é um dos sintomas da covid-19. O algoritmo associado a este projeto permite mapear a perceção do olfato a partir de cinco grupos de cheiros habitualmente disponíveis em casa, como os de café, chá, sumos, mel, canela, cebola, alho, azeite, vinagre, mostarda, ovo cozido, enlatados, perfume, champô, detergente de roupa, sabonete, protetor solar, ervas aromáticas ou molho de soja.

Como as alterações repentinas na perceção do olfato podem ser um indicador de infeção pelo coronavírus, este projeto procura identificar precocemente sintomas fiáveis da doença associada a este vírus e ajudar as pessoas a tomarem decisões informadas sobre a sua própria saúde.

P

www.publico.pt/2020/03/21/p3/reportagem/quarentena-resto-italia-poeta-une-pais-telefone-1908726

Itália, 21 de março de 2020, epicentro do surto de covid-19 na Europa.

Sob dura quarentena, o poeta italiano Franco Arminio decidiu deixar o seu contacto telefónico nas redes sociais para quem quisesse desabafar. Os relatos que lhe chegaram aos ouvidos são emocionantes e faziam e fazem temer o futuro de incerteza num país abalado pela doença.

Qualquer um podia ligar-lhe. “Estou disponível todas as manhãs, das nove ao meio-dia”, escreveu Franco Arminio.

Nos dias seguintes, telefonema atrás de telefonema, Arminio recebeu um retrato íntimo da Itália sob a quarentena do coronavírus de uma nação que estava aborrecida, assustada, ansiosa, a pensar em tudo, desde a bela tranquilidade do dia a dia até à morte. Falaram-lhe de livros, de solidão e de árvores. Um apicultor contou-lhe que os pássaros estão “a cantar tranquilamente, no campo”. Um operário fabril falou-lhe que a sua fábrica tinha fechado. Um engenheiro revelou-lhe que tinha redescoberto o prazer de estar com os seus dois filhos...

campuspress.yale.edu/seylabenhbib/

Página oficial da filósofa contemporânea Seyla Benhabib, nascida na Turquia, que ensina em Yale ética, ciência política e filosofia e que foi diretora do programa de estudos em ética, política e economia e cujo livro mais recente, *Exile, Statelessness, and Migration: Playing Chess with History from Hannah Arendt to Isaiah Berlin*, examina a interligação entre a vida, a carreira e os textos de um grupo de intelectuais judeus proeminentes durante uma boa parte do século XX, como é o caso de Theodor Adorno, Hannah Arendt, Walter Benjamin, Isaiah Berlin, Albert Hirschman e Judith Shklar, bem como Hans Kelsen, Emmanuel Levinas, Gershom Scholem, e Leo Straus.

www.makinamekawa.com

Página da pianista japonesa Maki Namekawa, que toca várias peças de Philip Glass, desde a versão da banda sonora do filme *Mishima*, de Paul Schrader, até à Sonata Berg para piano, que Glass relaciona com o seu trabalho dos últimos anos, como a Sinfonia n.º 12 (2019) ou o Quarteto de Percussão (2018). Philip Glass confessa que

I began to write in a new way. This is the most sophisticated form of these ideas. I began to see how the music unraveled. It turns out that the piano is the best place to work out these kinds of things. It works like that sometimes for composers. That's the case with the Berg Piano Sonata.

www.marisaandersonmusic.com

Página da guitarrista e compositora norte-americana Marisa Anderson, cuja obra original aplica elementos de minimalismo, eletrónica e música clássica contemporânea a composições baseadas nos blues, jazz, gospel e música *country*, re-imaginando a paisagem da música americana.

www.bobdylan.com

Página oficial de Bob Dylan, cujo último e genial disco, *Rough and Rowdy Ways*, pode ser parcialmente escutado aqui.

www.youtube.com/watch?v=nNHLXYVDjHE

A ópera *Paradise Lost*, que teve estreia no La Scala, de Milão, em 23 de janeiro de 1978, foi composta por Krzysztof Penderecki, o grande compositor polaco recentemente falecido, a partir do libreto do poeta e dramaturgo inglês Christopher Fry baseado no poema épico de Milton.